

## **SALVE O DOIS DE JULHO: Braz do Amaral e a História da Bahia**

**Lina Ravena Souza Santos<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho busca dar conta das reflexões, percalços e resultados obtidos durante o desenvolvimento da pesquisa intitulada “Salve o Dois de Julho: uma análise historiográfica das obras de Braz do Amaral sobre a Independência Da Bahia”. O intuito desta pesquisa consiste em estudar o discurso do historiador baiano sobre a Primeira República (1889 -1930) a partir da sua produção historiográfica acerca do tema Independência da Bahia. A busca de um passado glorioso (a luta do processo pela independência) em prol de uma modernidade ascendente (retomar seu status ao cenário nacional) marca esse discurso.

**Palavras- chave:** Historiografia, Bahia.

O presente trabalho intitulado “Salve o dois de julho: uma análise historiográfica das obras de Braz do Amaral sobre a Independência da Bahia” tem o intuito de analisar o discurso do historiador Braz do Amaral (1861-1949) sobre o tema Independência da Bahia, a partir de suas obras historiográficas escritas durante a primeira república. Entretanto chegar a este objeto de pesquisa não foi tão fácil.

Há dois anos, quando tive os primeiros contatos com as obras de Amaral a intenção primeira era fazer um estudo comparativo entre as suas produções historiográficas acerca da Independência da Bahia com as de outro historiador: Luís Henrique Dias Tavares (nascido em 1926). O objetivo que consistia em perceber através dessas obras as continuidades e descontinuidades na abordagem sobre a Independência na Bahia e da Bahia fora deixado de lado após perceber-se a complexidade desse tipo de estudo. Por ora optou-se por analisar apenas um desses historiadores, sendo o escolhido Braz do Amaral.

Através da análise do discurso, onde o analista relaciona a linguagem à sua exterioridade – ou seja, trabalha-se o dito e o contexto de onde foi dito, o porquê foi dito, o que não foi dito, o lugar de onde se diz<sup>2</sup> –, e do campo histórico que chamamos de História da Historiografia, deu-se sequência a análise desse novo objeto de pesquisa mais restrito. A análise de fontes historiográficas – como é feito neste trabalho – se faz

cada vez mais necessário, pois estas podem proporcionar ao pesquisador um estudo não só dos autores, mas das épocas quando se deram as produções, como era pensada a História para cada historiador, os seus suportes teórico-metodológicos e os princípios que regiam a prática da pesquisa.

Desta forma pretendo perceber: Quem foi Braz do Amaral? Como seu discurso presente nas obras sobre a Independência na Bahia se configurou.

### **1.1 BRAZ DO AMARAL E SEUS DIVERSOS EU**

Historiador, filho, esposo, pai, médico, político, professor e baiano. Braz Hermenegildo do Amaral nasceu em 2 de novembro 1861, quando o Brasil vivenciava o Império. Ele presenciou momentos marcantes da história brasileira, tais como a abolição da escravatura em 1888, a proclamação da República em 1889, – a qual foi duramente questionada por ele – e a Revolução de 1930.

Filho homônimo do capitão do Corpo de Polícia Braz Hermenegildo Amaral e de Dona Josefa Virginia do Amaral, após a devida preparação, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se graduou no ano de 1886. Ainda como estudante<sup>3</sup> da mesma faculdade Braz prestara concurso para interno de Cirurgia e logo depois para adjunto. Formado irá se tornar professor de Patologia Externa e Clínica Cirúrgica.

Apesar de sua formação em medicina e ensinar na Faculdade de Medicina da Bahia, Braz do Amaral irá compor o quadro docente do Ginásio da Bahia (atual colégio CENTRAL). A referida instituição de ensino foi referência na formação de adolescentes de Salvador no período de 1895 a 1942.<sup>4</sup>

Já diplomado médico e professor admirado, Amaral também se demonstrou um importante político. No momento da definição das fronteiras dos estados, fato que ganhou notoriedade durante a República como consequência do regime federativo, durante o primeiro governo de José Joaquim Seabra (J. J. Seabra), que teve início no ano de 1912 e término em 1916, foi solicitado a Braz do Amaral uma exaustiva pesquisa histórica, trabalho este que teve o objetivo de defender os nossos limites territoriais. Essa incumbência rendeu a Amaral documentação para várias de suas obras: *Limites do estado da Bahia: Bahia - Sergipe* (1916), *Limites do estado da Bahia: Bahia*

- *Espírito Santo (1917)*. Isso sem falar nos vários textos publicados sobre o tema nas Revistas do Instituto Geográfico e Histórica da Bahia<sup>5</sup>.

Sua importância dentro da elite baiana da primeira república é indiscutível, e podemos percebê-la através do escrito póstumo realizado por Deolindo Amorim sobre Amaral:

Braz do Amaral bahiano de nascimento, era bem um representante da Bahia Antiga, da Bahia ciosa de sua cultura, de sua dignidade política, de seu prestígio intelectual nascido da velha “aristocracia da inteligência”, que deu à nação tantos homens ilustres.<sup>6</sup>

Tomando como fonte, ainda, as publicações feitas após sua morte nos jornais da época, tais como *O Estado da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde* e *Jornal do Comercio* mostram o prestígio do orador do Instituto Geográfico e histórico da Bahia, Percebemos apenas nesses enunciados a importância do baiano Braz do Amaral para a sociedade baiana. Como por exemplo *O Estado da Bahia* de 3 de fevereiro de 1949 se refere a Amaral como “o mestre insigne da História bahiana”; o *Diário de Notícias* da mesma data o classifica como “Figura de mestre no trato da História bahiana”, ainda sobre sua perda, o *Jornal A Tarde* – ainda do mesmo dia 3 de fevereiro de 1949 – diz ser a morte de Amaral “uma grande perda para a cultura bahiana”. Em 13 de fevereiro de 1949, o *Jornal do Comércio* escreve: “mais um que se vai, do grupo abnegado que se devotou ao engrandecimento do Instituto Histórico da Bahia, antes de ingressar no Instituto Brasileiro.”.

É através do seu legado historiográfico e da tentativa de compreendê-lo nas diversas funções que desempenhou durante sua vida que se desenvolve este texto.

## **1.2. BRAZ E SUA BAHIA**

É impossível pensar Braz do Amaral sem levar em conta a situação em que se encontrava a Bahia durante a Primeira República.

A Bahia a qual Braz do Amaral pertencia, resistiu em aderir ao novo regime político instaurado em 15 de novembro de 1889. Adotando assim uma posição conservadora em frente a República, a qual fez com que se mantivesse na Bahia os mesmos grupos políticos e econômicos no poder. Esse fato implicou em um atraso econômico, como afirma Morais Silva:

(...) o hemertismo de tais elites que, em última instancia, contingenciava o atraso do estado, que estas mesmas elites – através de sua ‘frentes intelectuais’ atribuíam às populações negras e mestiças.<sup>7</sup>

Além desse atraso econômico a Bahia vem definir – como já vimos – a pedido do regime republicano os seus limites territoriais com os estados circunvizinhos – Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Piauí, Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais. Pois ao contrário da monarquia a qual presava pelo unitarismo a república traz consigo o regime federativo. Essa defesa traz acalorados debates tanto nos ambientes políticos como nos Congressos geográficos.

Menosprezada historiograficamente, sofrendo de um atraso econômico, perda de prestígio político, lutando para defender seus limites, essa a Bahia que vai delinear o discurso saudacionista e reivindicador de Amaral.

## **2. A BAHIA NA REPÚBLICA: UM OLHAR ATRAVÉS DAS OBRAS SOBRE A INDEPENDENCIA**

O discurso é um campo de relações de poder, portanto o discurso dominante ou consolidado dentro da historiografia vira objeto de desejo, ou seja, “o discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo”.<sup>8</sup> Em suma, dentro do contexto de comemoração do centenário da Independência do Brasil, 1922, o discurso de Braz do Amaral deve ser analisado como manifestador do desejo de uma elite letrada baiana em recobrar não só a sua fração na obra da independência nacional, mas como esse discurso almeja tornar a Independência da Bahia marco importante da Independência do Brasil. Como objeto de desejo, observamos como dentro dessas relações de poder os discursos vão se reafirmando e/ou se refutando, até que um outro se consolide ou não. E é sobre isso que vai tratar este último tópico.

O momento da primeira república não foi o que a Elite Letrada Baiana, da qual Braz do Amaral fez parte, esperava. Mas esperava o que? Uma maior inserção no cenário nacional, principalmente político. Já concluía Leite que principalmente na “segunda fase da Primeira República (entre 15 de novembro de 1910 e 27 de outubro de 1930)” a participação da Bahia principalmente na ocupação dos ministérios principais passa a se tornar insignificante, enquanto Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul só tendem a ganhar maior projeção nesse novo regime político<sup>9</sup>.

Vendo esses fatos acontecerem, concluiu-se que a produção historiográfica de Amaral tinha a intenção de minimizar os efeitos do enfraquecimento político e econômico que o estado estava vivenciando e para isso percebemos a retomada de um passado de glória para justificar um presente sem tantos avanços

## **2.1. INDEPENDÊNCIA DA OU NA BAHIA?**

O primeiro passo é entender o porquê de Braz do Amaral se referir a uma História da Independência na Bahia e não da Bahia. Após a análise de suas obras, percebemos que admitir que exista uma História Independência da Bahia é o mesmo que retirar do Estado – dentre tudo que já fora tomado – a sua participação na obra da independência nacional.

Mas como assim? O termo ‘da’ implica algo isolado, ou seja, a história da independência da Bahia é só da Bahia, e não do Brasil. Vale lembrar que para além de uma disputa intelectual dentro da formação de um discurso sobre a Independência do Brasil entre baianos – tendo Amaral como representante – contra paulistas e cariocas, estava também em jogo o desejo de uma elite baiana letrada, e porque não dizer também elite política, em resgatar a opulência dos tempos coloniais e da maior parte do Império, que teria sido perdida na Primeira República,<sup>10</sup> quando ocorre uma mudança tanto do eixo econômico quanto político para o Centro-Sul do país. Desta forma, adotar a nomenclatura História da Independência na Bahia indica pertencimento a uma obra nacional e não um evento regional e isolado.

## **2.2. DATAS E MARCOS TEMPORAIS**

O recorte temporal de Braz do Amaral tem início com a “Revolução Constitucional de 1821” e término no “2 de julho de 1823”. Sendo essa datação recorrente não só na maioria das obras aqui analisadas, mas que se consolidou em toda historiografia da Independência da Bahia. Vale ressaltar que Amaral salienta o episódio da Conspiração de 1798 como o verdadeiro precursor de todo o movimento pela independência da Bahia de 1822, como observa-se a seguir:

“Desde os fins do século 18º, havia na colonia não só o gérmen de ideas de independência, como o desejo accentuado de leval-as á execução até entre as pessoas do povo menos instruídas, como são de ordinário os artífices, soldados e officiaes mecânicos, do que temos provas positivas na tentativa revolucionária, ou conspiração dos independentes de 1798, abafada no cadafalso nas pessoas de quatro conjurados, na praça da Piedade (...)”<sup>11</sup>

Entretanto, alguns Historiadores atuais da Independência, como Sérgio Armando Diniz de Guerra Filho,<sup>12</sup> se estendem até o Levante dos Periquitos de 1824. Digo não só na maioria, pois a obra *História da Bahia: do Império a República* não se detém ao período da independência, entretanto o prefácio desse texto é voltado para esse tema. Como o foco é perceber o discurso de Braz do Amaral sobre a república ascendente, esse texto também se faz relevante. Outra data que Amaral frisa bastante é 28 de janeiro de 1808, a data da abertura dos portos, pois é partir desta que o Brasil dá o seu primeiro passo rumo à liberdade, tendo início com uma liberdade econômica. Como vemos no trecho seguinte:

Entre 28 de janeiro de 1808 e 2 de julho de 1823 se desenrolou o grande drama político histórico, de que devia sair constituída uma grande nacionalidade livre e próspera, nobre e poderosa pela sua união e pelas suas qualidades de resistência: A nacionalidade brasileira.<sup>13</sup>

### **2.3. O HEROÍSMO BAIANO**

A Bahia como heroína é a primeira coisa que notamos no discurso de Braz do Amaral. O texto *Ação da Bahia na Obra da Independência Nacional* tem como objetivo criticar as produções historiográficas da comemoração do centenário da independência, as quais enaltecem alguns estados do país como o Rio de Janeiro e São Paulo, em detrimento de outros. E para enfatizar sua crítica, não se poupa em demonstrar através das suas fontes comprovações do heroísmo da Bahia:

A reivindicação do que o Brasil deve a Bahia na obra da Independência, se prova na tentativa revolucionária e republicana que houve aqui, em 1799, como se verá pela leitura dos documentos em anexos, sob nºs 1, 2 e 3, a qual foi muito mais importante do que a inconfidência mineira (...).<sup>14</sup>

E some-se a isso a sua importância frente às demais províncias:

Enquanto se passavam na Bahia estes acontecimentos que preparavam a luta e lhe davam começo, realizava-se no Rio de Janeiro a parte política da separação (...).<sup>15</sup>

Amaral quer ressaltar nesse trecho que quem foi à luta, em vias de fato, foram os baianos. Ou seja, apesar de terem levado os louros historiográficos da campanha pela independência, paulistas e cariocas nada mais fizeram que realizar um acordo político, o qual não se daria sem a campanha realizada na Bahia.

Vale lembrar que no período republicano estava em jogo a construção de uma identidade nacional, por isso a crítica de Amaral com a adoção de Tiradentes como herói nacional, que elevava a Inconfidência mineira como momento destacado na luta pela emancipação política, em detrimento da Conjuração ocorrida na Bahia em 1799.<sup>16</sup>

O heroísmo exacerbado também se configura no texto “A Revolução Constitucional da Bahia em 1821”, no qual Amaral nos diz:

Tal foi a memorável revolução baiana do pronunciamento por uma constituição, a qual teve tão poderosa influência sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro, que precipitou, resultando de tudo isto a partida do rei para a Europa, ficando no país o príncipe regente, que foi o fato que mais decisivamente produziu sem demora a independência do Brasil.<sup>17</sup>

O trecho acima mostra mais uma vez a ênfase na Bahia como precursora ou até mesmo a detonadora do processo da independência do Brasil. Mesmo sendo produzido em momento diferente da crítica historiográfica ferrenha que configura o texto *Ação da Bahia na Obra da Independência Nacional*, o texto “A Revolução Constitucional da Bahia em 1821”, que data de 1907, é mais um exemplo de como Amaral foi construindo e consolidando seu discurso acerca da Bahia ao longo dos anos. Também em 1923 sua grande obra *História da Independência na Bahia* realizada para a comemoração do centenário da Independência da Bahia, vem reafirmar todo seu discurso da Bahia como mãe do Brasil, e como merecedora dos louros da Independência Nacional, dentre outros aspectos.

#### 2.4. A BAHIA INJUSTIÇADA

Como membro do IGHB, que aqui já foi classificada como uma “sociedade do discurso”, cuja função é conservar ou produzir discursos,<sup>18</sup> Braz do Amaral quer mostrar através de seus textos como a Bahia é menosprezada historicamente dentro do cenário da obra da independência nacional. Como nos mostra na sua obra *Ação da Bahia na Obra da Independência Nacional* :

“O vivo desejo de fazer da independência uma propriedade patriótica do Rio de Janeiro e S. Paulo, levou os interessados a dar aquela festividade um cunho demasiado particularista, apagando o trabalho e sacrifício de outros que também contribuíram para levar a cabo a grande obra da libertação em diversos pontos do território brasileiro.”<sup>19</sup>

E no fim do texto volta a afirmar que

“Restringir a comemoração da independência ao Rio de Janeiro e São Paulo é absurdo, pois, no que se sabe do Ypiranga não há um ato do povo brasileiro, nem coisa notável que o honre, pela idéia, ou pela abnegação, pelo altruísmo, ou por qualquer coisa de importância e relevo.”<sup>20</sup>

Inconformado Amaral nos mostra nos seguintes trechos o quanto foi tomado da importância da Bahia na obra da independência do país, ficando todas as honras e louros para os estados do sudeste. Esse sentimento de perda para os estados do Rio e São Paulo é acentuado pelas perdas políticas que o estado sofre durante a primeira república.

## 2.5. PERSONAGENS

Fortemente influenciado pela escola positiva, Amaral dá preferência por sujeitos históricos como generais (principalmente o General Madeira de Melo), presidentes da Província (na obra *História da Bahia do Império a República*, Amaral vai falar de cada presidente da Bahia durante o Império) e políticos... Ou seja, é uma história pautada nos personagens oficiais. Ele se refere à população baiana, o exalta, mas não a descreve (não toca na questão racial entre negros e brancos), não mostra as suas particularidades, apenas a enaltece como um grande aglomerado indispensável na obra da independência na Bahia, como, por exemplo, podemos ver na sua fala sobre a participação dos baianos na Guerra pela Independência:

Não pode haver melhor e mais insuspeito testemunho do sacrifício dos baianos nesta luta pela independência dos brasileiros, e não pode haver desmentido mais seguro e honesto a opor os jornalistas do sul do Brasil, que em 7 de setembro do ano passado mencionaram que a independência havia sido feita em paz, apenas perturbada por tumultos sem importância, o que



revela como às vezes se pronunciam desembaraçadamente sobre assuntos, sem os estudar, os que escrevem para o público a imprensa diária.<sup>21</sup>

Os pontos aqui discutidos nos levam a concluir o quanto o contexto histórico influencia na escrita do historiador Braz do Amaral, e como ele se faz representante de uma elite não só letrada, mas política e econômica em recobrar os prestígios de que se gozava a Bahia durante a colônia e parte do Império.

O discurso de Amaral com o intuito de fazer justiça a Bahia se perpetuou dentre os escritos sobre o tema durante o período da primeira república e adentrou o estado novo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa chegou-se a diversas conclusões. A primeira dela é que se torna inviável analisar o discurso proferido em qualquer época que seja sem atentar para como a época influi sobre o elaborador do discurso, e pode-se questionar até que ponto o autor estudado é criador de um discurso ou afirmador de um já elaborado.

Amaral se encaixa como os dois: ele produz um discurso próprio pautado no estudo histórico, se valendo do processo de independência e ao mesmo tempo da vazão a um discurso próprio de seu momento histórico da Bahia como já afirmava Leite como “A Rainha Destronada”.

Logo ao buscar afirmar historicamente a importância do estado da Bahia para o Brasil, e estar na frente da luta pela manutenção das fronteiras do estado, o discurso proferido por Amaral em suas obras se consolidou na historiografia baiana. Os historiadores contemporâneos como Ubiratan Castro, Sergio Armando Diniz Guerra Filho, Luis Henrique Dias Tavares, tomam as obras de Amaral como fonte primária sobre a História da Independência da Bahia devido ao seu grande suporte documental o qual está reproduzido em suas obras. Claro que, se outros pesquisadores retomarem mais detidamente as obras de Braz do Amaral, novas análises serão feitas<sup>1</sup> e novas metodologias serão empregadas, mas fica evidente que se um padrão de discurso é adotado sempre que este historiador trabalhou com a Independência da Bahia.

---

<sup>1</sup>Assim como Foucault fala em sua obra *A ordem do discurso*, trabalho o conceito de comentário como uma retomada ao discurso original, entretanto atendendo ao contexto do novo momento histórico.

- 
- <sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana
- <sup>2</sup> Ver ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas- SP: Pontes, 2001.
- <sup>3</sup> Ver “Esboço Biográfico de Braz do Amaral” em Arquivo da Academia de Letras da Bahia, cadeira fundador nº 4, pasta nº 31, documento nº 02.
- <sup>4</sup> LIMA, Déborah K. de. **O Ginásio da Bahia, educandário secundarista público de excelência, em Salvador, e o panorama da educação republicana (1895-1945)**. In.: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAHIA, 5. 2001 Salvador, BA. **Anais ...** Salvador, Ba: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Fundação Gregório de Matos, Bahiatursa, 2004. P. 718.
- <sup>5</sup> Alguns desses textos são : AMARAL, Braz Hermenegildo do. Limites entre Bahia e Espírito Santo. Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia, Salvador, v.35, p. 77-115, 1909.; \_\_\_\_\_. Bahia e Espírito Santo. Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia, Salvador, v.31, p. 59-91, 1905-06.; \_\_\_\_\_. Bahia e Espírito Santo. Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia, Salvador, v.34, p. 83-91, 1907. Ainda vale ressaltar seu acervo imagético sobre esses estudos das questões limítrofes que estão alocados no acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.
- <sup>6</sup> AMORIM, Deolindo. **Braz do Amaral e sua obra**. Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia, Salvador, v.75, p. 130-137, 1948-49, p. 130.
- <sup>7</sup> SILVA, Aldo J. Morais. Instituto Geográfico E Histórico Da Bahia: **Origem e Estratégias de Consolidação Institucional 1894 – 1930**. Salvador, 2006. Tese (Doutorado em História) – UFBA – BA, 2006, p. 71.
- <sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15ª Ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007, p. 10.
- <sup>9</sup> LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) — PUC-SP, 2005, p. 229.
- <sup>9</sup> Ver LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) — PUC-SP, 2005, p. 16.
- <sup>10</sup> Idem, p. 16.
- <sup>11</sup> Ver AMARAL, Braz H. do. Ao Leitor. In.: \_\_\_\_\_ **História da Bahia: do Império à República**. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1923. P. III – IV.
- <sup>12</sup> Ver GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra: participação das camadas populares nas lutas pela independência do Brasil na Bahia**. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2004.
- <sup>13</sup> AMARAL, Braz H. do. **1808-1823**. Rev. Inst. Geo. E Hist. Da Bahia. Salvador, v.34, p. 9-15. 1907. P. 15.
- <sup>14</sup> AMARAL, Braz do. **Ação da Bahia na obra da independência nacional**. Sal: EDUFBA, 2005, p. 12..
- <sup>15</sup> AMARAL, Braz H. do. **História da Bahia: do Império à República**. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1923, p. XIV.
- <sup>16</sup> Para entender melhor essa construção de um imaginário nacional durante a primeira República ver CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- <sup>17</sup> AMARAL, Braz do. **Recordações históricas**. 2ª Ed. Salvador: Assembléia Legislativa, Academia de Letras da Bahia, 2007, p. 94
- <sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15ª Ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007, p. 39.
- <sup>19</sup> AMARAL, Braz do. **Ação da Bahia na obra da independência nacional**. Sal: EDUFBA, 2005, p. 9.
- <sup>20</sup> Idem. pg. 17.
- <sup>21</sup> AMARAL, Braz H. do. **Historia da independência na Bahia**. 2. Ed Salvador: Liv. Progresso, [1957], p. 335.